

SURF

Austrália, Ásia, África, América do Norte e do Sul, Europa... todos os palcos têm alguma coisa a acrescentar à busca pelas melhores ondas. Todos os anos, milhares de surfistas de todo o mundo continuam as suas peregrinações. Mas há quem veja a luz sem ter de ir tão longe.

TEXTO DE ANA PAGO

À PROCURA DA ONDA PERFEITA

A photograph of a surfer riding a wave. The surfer is shirtless, wearing colorful patterned shorts, and is crouching on a white surfboard. The wave is a deep blue color and is curling over the surfer, creating a tunnel effect. The background is a bright blue sky.



Bruno Magalhães é fotógrafo e surfista e corre o planeta a fazer as duas coisas de que mais gosta. A imagem à esquerda foi captada pelo jovem do Porto, atualmente nas ilhas Mentawai, na Indonésia (em cima).

Existe uma visão idílica dos surfistas a correrem as costas desertas atrás das melhores ondas, saudando o sol matinal e a dormir em carrinhas com cortinas. A realidade moderna, porém, é diferente: em vez de *neo-hippies* nômadas, eles são empresários, escritores, estudantes e profissionais de diversas áreas, rendidos ao mar. E, volta e meia, largam a rotina e aventuram-se pelo mundo em busca da onda perfeita. Há os que preferem os tubos gigantes quando a havaiana Pipeline dobra e lhes põe o coração na boca. Ou as esquerdas de G-Land, a formar linhas perfeitas na costa de Java. Mas porque a melhor onda é a que traz mais felicidade, pode ser simplesmente a que está ao fundo da praia de sempre.

«A onda perfeita é em água cristalina a trinta graus, com peixes coloridos, golfinhos, pouco *crowd*, só com amigos e tubos intermináveis, rodeado de coqueiros. Sim, ela existe e eu estou a responder a esta entrevista precisamente nesse paraíso. Estou nas ilhas Mentawai, na Indonésia.» Bruno Magalhães, surfista e fotógrafo, tem 31 anos, já apanhou ondas de sonho com a prancha e a lente na Madeira, Açores, Canárias, França, Inglaterra, Marrocos, Mauritânia, México, Costa Rica, Nicarágua, Brasil, Fiji, Austrália e, agora, na Indonésia. «Corro atrás delas todos os dias se as condições permitirem. Quando a luz não é a melhor para fotografar, agarro na prancha. Por isso sou um privilegiado: faço as duas coisas de que mais gosto.»

O *surf* está acima de tudo na vida de Bruno. Cresceu em Miramar, Gaia, e com 12 anos fez-se às ondas como *bodyboarder*, antes de se tornar surfista. Na praia com amigos, suspirava com os filmes de *surf* em VHS e com as imagens paradisíacas das revistas estrangeiras que lhe chegavam às mãos. Estava longe de supor que iria viver em função do *surf*, passando meses a fotografar os melhores do mundo e a vender as imagens para marcas e publicações internacionais – está neste momento a acompanhar o havaiano Jamie O'Brien nas Mentawai e terá em breve uma fotografia publicada na revista norte-americana *Surfer Magazine*). Bruno imagina-se na North Shore do Havai, a zona lendária pelas competições, com ondas de inverno perfeitas, ou a descer a Teahupo no Taiti, uma parede de água capaz de quebrar surfistas menos experientes.

FUNDO PERFEITO?



POINT BREAK

As ondas em fundo de rocha (ou pedra e areia) começam a quebrar no extremo da baía e refratam-se para dentro dela num movimento constante a partir da costa.

INFOGRAFIA DE LUIZ IRIA, ALEXANDRE JUBRAN, VIVIANE PALLADINO E RAPHAEL ERICHSEN/EDITORA ABRIL, BRASIL

Bruno terminou o curso de Gestão e Marketing antes de perceber que não era aquilo que ambicionava. «Cheguei a faltar a exames para não perder um dia de ondas», recorda, já a planear acabar o ano a fazer a temporada de inverno no Havai, na crista da Pipeline. No ano passado, nas ilhas Fiji, foi abençoado: «Na Cloudbreak, cujo tamanho médio varia entre um e três metros, a onda chegou aos seis. Foi de arrepiar!»

Mas nem esses momentos diminuem o amor às ondas portuguesas, que lhe deram a melhor surfada de sempre no Cabedelo do Douro. «Era uma onda que “funcionava” raramente, mas quando todas as condições estavam reunidas era de classe mundial», diz, desgostoso pelo Cabedelo e por ondas «perdidas» como a de Santa Marta (devido à marina de Cascais), Kirra (graças à extensão do porto oceânico de Sines), Paul do Mar, Jardim do Mar, Ponta Delgada, Lugar de Baixo e Fajã da Areia Madeira, ameaçadas por construções na costa). «A onda perfeita existe, mas muitas vezes está só a dois passos de casa.»

«A ONDA PERFEITA É COMO A FELICIDADE», DIZ PAULO CANAS. «O QUE IMPORTA SÃO AS EMOÇÕES.»

Gonçalo Cadilhe confirma esta emoção viciante da onda do fundo da rua de que fala Bruno. Há um conforto que apenas sente quando volta à casa da família na Figueira da Foz, depois de meses fora a viajar e a escrever, e apanha as ondas que contornam o cabo Mondego e correm pela baía de Buarcos, seguindo a linha da marginal. «Acho que a onda perfeita é como a felicidade. Para mim a melhor onda do mundo, a que me faz mais feliz, é a onda do

fundo da minha rua.» O jornalista mochileiro surfa com a mesma naturalidade com que caminha, desde que comprou a sua primeira prancha de madeira, tinha 12 ou 13 anos. «Tem que ver com as características de que cada surfista gosta mais – no meu caso são as direitas de *point break*, ondas muito compridas que acompanham a costa e partem para a direita de quem vai na prancha –, mas é perfeita sobretudo pelo desprendimento, pela leveza espiritual com que estava no dia em que a surfei.» É nas ondas de Buarcos que consegue recorrentemente aproximar-se desse estado iluminado, apesar de ser preciso viver ao pé delas e estar constantemente a controlá-las para surfar naquelas condições de luz. «É como a sopa da avó que comemos em meninos», brinca. «Por mais pratos que provemos, a memória daquela sopa será sempre a refeição mais feliz.»

Há quatro anos, de celebrar os 40, Gonçalo partiu para uma viagem de um ano com o propósito de surfar as suas 12 ondas de sonho, à ordem de uma por



BEACH BREAK

Os fundos de areia (a maior parte das praias portuguesas) são ideais para iniciados. Como o fundo muda constantemente, as ondas são mais irregulares.



REEF BREAK

Fundo de corais ou pedras. A onda quebra com força e a forma varia com a profundidade, configuração e tamanho do obstáculo. Banzai Pipeline, no Havai, é uma das mais conhecidas.

A ONDA IDEAL

Na edição de agosto do ano passado, a revista americana *Surfer Magazine* (espécie de bíblia para os surfistas) elegeu as cem melhores ondas do mundo. A mais votada foi a Pipeline, na ilha de Oahu, Havai. A famosa onda impressiona pela força, perfeição, cor da água e tamanho dos tubos, combinação que faz dela uma das mais requisitadas em campeonatos de surf. Já o fundo de recife (que faz dela uma onda de reef break) a três metros da superfície, as multidões dentro de água e o facto de quebrar com uma força esmagadora de novembro a fevereiro (a temporada alta) são fatores que a tornam particularmente perigosa. A direita dos Coxos, na Ericeira, foi a única onda portuguesa a figurar entre as cem escolhidas pelos surfistas, jornalistas e profissionais do meio inquiridos pela revista.

mês e sem repetir destinos. «Um mês é o tempo que eu considero mínimo para esperar que uma onda se forme nas condições ideais, na temporada boa.» Ao contrário do que se pensa, as grandes viagens de surf são bastante sedentárias: não resulta chegar à Austrália, alugar uma carrinha e tentar todos os dias um novo local, porque as ondas são aleatórias, não são como os museus, com horários de abertura e encerramento. «A técnica consiste em chegar a um sítio de avião ou de carro, alugar um quarto perto da praia e ficar lá um ou dois meses, à espera que a onda funcione.»

O cronista seguiu a sua própria máxima quando, em Junho, rumou a Jeffrey's Bay, na África do Sul. Em Julho passou para a Ponta do Ouro, em Moçambique, em Agosto surfou a La Libertad, em El Salvador, e em Setembro e Outubro perdeu-se em dois spots secretos nas Caraíbas e nas Galápagos. Dezembro foi mês da Rincon, na Califórnia. Em Janeiro estava no Havai para apanhar a Honolua Bay, em Fevereiro na Nova Zelândia para a Kaikoura, em Março na Austrália, a cavalgar



Férias de Verão ZOO SANTO INÁCIO 2012

OS CAMPOS DE FÉRIAS DO ZOO SANTO INÁCIO, EM GAIA, ESTÃO A CHEGAR.

Duas semanas repletas de atividades, para Crianças entre os 6 e os 13 anos, de 2 de Julho a 17 de Agosto, onde será potenciado o contacto com a Natureza, a interação com os animais e claro, muita diversão!

Semana 1

– “**Enriquecimento Ambiental!**” - As crianças vão poder passear, recolher materiais orgânicos e construir brinquedos para os animais do Zoo.

– “**Animais Arrepiantes, mas extraordinários!**” - Neste dia, irão aprender sobre os mais arrepiantes animais do Zoo, os Invertebrados e os Répteis.

– “**Espantalhos na Horta do Zoo!**” – Construção de espantalhos para proteger a Horta e assim, impedir que os invasores destruam as suas plantações.

– “**Pequenos Tratadores!**” - Os “ Pequenos Tratadores” vão alimentar animais como os Cangurus e os Lamas e aprender o que faz um tratador no Zoo. A seguir irão divertir-se com jogos ao ar livre.

– “**Dança na Selva!**” - O desafio é criar uma máscara e imitar um animal, não sem antes se inspirarem com as Aves de Rapina e Répteis!

Semana 2

– “**Descobrir a Natureza!**” – Com o Jogo do Conhecimento, os mais novos vão explorar o Bosque e aprender sobre a sua Biodiversidade, contribuindo para a Missão do Zoo - Preservar a Natureza!

– “**Animais e muito mais!**” - Este Verão vão conhecer os bastidores do Zoo Santo Inácio, da preparação dos alimentos dos animais, à clínica veterinária! Ateliers didáticos e divertidos fazem também parte deste dia!

– “**Viagem ao séc. XIX!**” - Viagem ao século XIX para conhecer hábitos e costumes da época. No regresso ao Presente vão poder ver de perto o voo livre das Araras e a língua bifurcada das cobras.

– “**O Verão chegou ao Zoo!**” - Com o calor a apertar nada melhor que um divertido jogo para refrescar - “Luta de Balões de Água!” Depois, têm que “trabalhar” pois há muitos animais para alimentar!

– “**Hora dos mergulhos!**” - Dia de alimentar os Pinguins e Lontras e de aplicar os conhecimentos nas Zoolimpíadas!

Zoo Santo Inácio..... A vida selvagem tão perto de si!



Rua 5 de Outubro, nº 4503
4430-809 Avintes · V. N. de Gaia
Tel. (+351) 22 787 85 00
info@zoosantoinacio.com
www.zoosantoinacio.com

ZOO SANTO INÁCIO





ADELINO MEIRELES/GLOBAL IMAGENS



Gonçalo Cadilhe surfou as suas 12 ondas preferidas no mundo, mas para ele «não há como a Figueira da Foz» (em cima).

OS SPOTS NACIONAIS

O havaiano Garrett McNamara surfou uma onda de trinta metros na Nazaré. A onda de Buarcos, na Figueira da Foz, é acarinhada como a mais direita da Europa. Peniche é «a capital da onda» e recebe anualmente na Supertubos a prova portuguesa do circuito mundial de *surf*. Na Ericeira, Ribeira d'Ilhas e Coxos são badaladas a nível internacional, mais ainda do que São Julião, Foz do Lizandro, Pedra Branca e Reef. Santa Catarina, na ilha Terceira, é das ondas mais famosas dos Açores.

«Portugal é um dos melhores locais do mundo para fazer *surf*», diz Sérgio Nunes. Praticante diário de *longboard*, concilia o mar com a profissão de economista, no âmbito da qual sistematizou a atividade do *surf* num plano estratégico integrado, que espera ver um dia posto em prática. «Queixamo-nos de que o país é periférico e das consequências negativas que isso traz à nossa economia e qualidade de vida, mas não reconhecemos que o *surf* é um fenómeno em que Portugal é central.»

a Kirra. Nias, na Indonésia, ficou para Abril, e em Maio rematou o périplo em Arungam Bay, no Sri Lanka. Eram todas *point breaks* de direita e variantes exóticas da sua onda caseira. «A minha aspiração máxima é conseguir fazer uma onda bem surfada em Jeffrey's Bay, mas não há nada como as ondas do fundo da rua.»

Reza a história que o *surf* terá sido introduzido no Havai pelo rei polinésio Tahíto. Enquanto a maioria dos povos receava o poderio das águas, o monarca governava com a mesma destreza com que desafiava as grandes ondas e era o surfista mais qualificado da comunidade. No século XVIII, recém-chegado ao arquipélago do Havai, o navegador James Cook ficou fascinado com aqueles homens que enfrentavam as ondas equilibrados em tábuas. O reconhecimento mundial teve lugar nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912, quando o campeão de natação havaiano Duke Kahanamoku revelou praticar *surfe* se tornou o maior divulgador da modalidade pelo mundo. Hoje faz-se em todo o lado (com ênfase na Austrália, África do Sul, EUA, Havai, Brasil e Taiti), cresceu em manobras e na qualidade dos materiais, e está associado a uma filosofia de vida saudável e introspetiva.

Foi precisamente a meditar na água que Paulo Canas teve uma epifania. «Acredito que todas as crianças e jovens têm potencial para conquistar a sua onda perfeita», diz o *marketeer* de 32 anos, praticante há quatro e um dos ora-

dores do evento Ignite Portugal em 2010, com o tema *O Guia do Surfista para o Empreendedorismo*. «O *surf* aumenta-lhes a resiliência e serve de catalisador para despertar um potencial que podem utilizar num futuro sustentável.» Em 2008, um amigo passou-lhe de forma simbólica o seu antigo fato de ne-

oprene, num desafio para o iniciar. Uma semana depois aventurou-se, adorou, comprou uma prancha, barras para a transportar no carro, uma tenda e fez-se à estrada em direção a Sagres, para as suas primeiras férias do género.

«A onda perfeita é como a felicidade. Não importa o conceito ou o ideal, mas sim o caminho que percorremos, as emoções, os amigos que fazemos.» Paulo teve as melhores surfadas na praia Pequena, em Sintra, seguidas de churrascadas pela tarde a bendizer a vida. Ganhou tarimba na Costa Vicentina, no Algarve, nas Canárias e em Bali, que percorreu com a prancha encaixada numa *scooter* em busca das ondas de Bingin, Padang Padang, Uluwatu e Nyang Nyang. As próximas na calha são as Maldivas, sempre a imaginar como cada novo *spot* que descobre o pode ajudar e às crianças e jovens em risco da instituição de solidariedade social Pressley Ridge.

«Sinto que o *surf* é um porta-estandarte. Há três anos decidi colocar o *surf* ao serviço deles e, em conjunto com o Nuno Fazenda, psicólogo e companheiro surfista que trabalha na associação, criámos o projeto "SURF.ART - Atreve-te, Realiza-te, Transforma-te". Decidimos lançar um protótipo da ideia, trabalhando com 15 crianças do Bairro da Cruz Vermelha em Cascais, entre os 10 e os 12 anos, durante seis meses.» Consultor, licenciado em gestão de empresas e com formação em desporto e na área das organizações sociais, Paulo acredita que o contacto com o mar potencia o bem-estar e o sucesso na vida. Por pouco não desfez a perna direita nos corais de Bali e apanhou um susto quando um surfista desgovernado lhe abriu um buraco na prancha, mas é na água que acalma as suas inquietudes. «Valem sobretudo as aprendizagens que nos fazem crescer como pessoas quando vamos para fora.» São esses momentos que tornam a onda perfeita. ●



Paulo Canas tem feito do *surf* uma ferramenta para ajudar crianças e jovens em risco.

STEVEN GOVERNO/GLOBAL IMAGENS